NOSSO PRIMO AMERICANO, MACHADO DE ASSIS[*]

Helen Caldwell
Tradução e apresentação de Hélio de Seixas Guimarães

Resumo: Esta é a tradução, feita por Hélio de Seixas Guimarães, de um texto de Helen Caldwell, pioneira dos estudos machadianos no exterior, publicado em 1952. Já nesse ensaio ela compara Machado de Assis a Shakespeare, ideia que retomará e desenvolverá com mais ênfase em *The Brazilian Othello of Machado de Assis* (1960), e também vê no nosso autor uma chave para a compreensão do Brasil. A questão da pertença e do alcance da obra do escritor aparece desde as primeiras linhas e, no desenvolvimento do artigo, a estudiosa norte-americana examina um curioso tópico: a figura do professor na ficção machadiana.

Palavras-chave: Helen Caldwell; recepção machadiana; intertextualidade; Shakespeare.

Our American cousin, Machado de Assis

***Abstract**: This is the translation, by Hélio de Seixas Guimarães, of a text published in 1952 by Helen Caldwell, a pioneer in Machadian studies abroad. Here, the essayist compares Machado de Assis to Shakespeare, a topic she would develop more extensively in The Brazilian Othello of Machado de Assis (1960), and also reads the author as a key to the understanding of Brazil. The issue of the belonging and reach of the writer's work is visible from the first lines and to the end of the article the North American scholar examines a curious topic: the presence of the teacher in Machado's novels and short stories.*

***Keywords**: Helen Caldwell; Machadian reception; intertextuality; Shakespeare.*

* * *

A professora, tradutora e crítica norte-americana Helen Caldwell (1904-1987) tornou-se figura-chave para a interpretação da obra de Machado de Assis a partir da segunda metade do século XX com a publicação de *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, primeiro livro inteiramente dedicado à análise de um romance do escritor. Nesse estudo de 1960, Caldwell defendia a tese de que Capitu não havia cometido adultério e introduzia a ideia do narrador não confiável na interpretação de *Dom Casmurro*.

Embora o livro de 1960 só tenha sido traduzido para o português em 2002, ele provocou reações imediatamente depois de sua publicação. Eugênio Gomes e Wilson Martins combateram suas teses ainda nos anos 60. Outros críticos tiveram nele uma referência importante para o estudo dos narradores de Machado de Assis, caso de Hélio Pólvora, Silviano Santiago, Roberto Schwarz e John Gledson; estes três últimos realizaram

[*] Uma nota sobre a tradução: o ensaio "*Our American cousin*, Machado de Assis" traz citações de obras de Machado de Assis em inglês, muito provavelmente traduzidas pela própria Helen Caldwell; as referências às edições de onde foram tirados os trechos são sumárias, às vezes inexistentes. Assim, na tradução para o português, que a *Machado de Assis em linha* publica, busquei os trechos em português em edições fidedignas, e as indicações bibliografias incluídas por mim vêm sempre entre colchetes.

interpretações que contrariam a versão que os narradores, especialmente Dom Casmurro, oferecem dos fatos vividos por eles.

Entretanto, antes de publicar seu estudo sobre *Dom Casmurro*, Helen Caldwell tivera longa convivência com a obra de Machado de Assis. Ela fez a primeira tradução de *Dom Casmurro* para o inglês, de 1953, fato importante para a divulgação da obra de Machado de Assis no mundo anglófono e, a partir daí, para o crescente reconhecimento internacional da obra machadiana em circuitos acadêmicos e intelectualizados fora do Brasil.

O primeiro registro do interesse de Caldwell por Machado de Assis, interesse cuja origem e motivo ainda não conhecemos, está em comunicação apresentada no International Colloquium of Luso-Brazilian Studies, realizado em Washington, EUA, de 15 a 20 de outubro de 1950. Naquela ocasião, a professora e pesquisadora apresentou um documento no qual sugere a tomada de várias ações em relação à obra de Machado de Assis, entre elas a recuperação de obras perdidas, a publicação de notas e anotações do escritor e a reprodução de suas obras em microfilme ou outro processo, de modo a torná-la acessível aos pesquisadores.

"*Our American cousin*, Machado de Assis", artigo que traduzimos e reproduzimos aqui, é muito provavelmente o primeiro ensaio de Caldwell sobre o escritor. Esse ensaio escapou até mesmo das pesquisas minuciosas de Galante de Sousa, que não o inclui no seu *Fontes para o estudo de Machado de Assis*. O texto de Caldwell foi originalmente publicado em inglês pela *Modern Language Forum* (v. XXXVII, Sep.-Dec. 1952), com uma nota de rodapé na qual há a informação de que foi traduzido de comunicação apresentada por Caldwell na Seção Portuguesa da Modern Language Association of Southern California em outubro de 1951. O artigo indica que já naquela altura da década de 1950 Helen Caldwell estava bastante familiarizada com a língua portuguesa e com a obra do escritor, o que se depreende da desenvoltura com que se move por ela, por meio das várias citações que faz a romances, contos, crônicas e cartas.

Já nesse ensaio compara Machado a Shakespeare, ideia que retomará e desenvolverá com mais ênfase em *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, e também vê em Machado uma chave para a compreensão do Brasil. A questão da pertença e do alcance da obra do escritor aparece já nas primeiras linhas – "em sua grandeza, pertence não só ao Brasil, mas ao mundo" – e reaparece no fecho do texto: "Para nós, norte-americanos, sua obra é um verdadeiro abre-te-sésamo para a imensa e variada riqueza do Brasil."

A obra machadiana é reiteradamente referida como continente do "*Brazilian treasure*" [tesouro brasileiro], ideia que está na origem da imagem que abre *The Brazilian Othello*, no qual Machado é descrito como "um verdadeiro Kohinoor". Trata-se de referência ao famoso diamante indiano, pertencente a várias gerações de governantes do oriente e que foi tomado pela Coroa Britânica no século 19, tornando-se parte das joias da coroa quando a rainha Vitória foi proclamada Imperatriz da Índia, em 1877.

O interesse de Helen Caldwell por Machado de Assis, documentado agora a partir do início dos anos 50, se estende até pelo menos 1984, quando publicou a tradução de *Helena*, três anos antes de sua morte, aos 83 anos, em 1987. Nessas quatro décadas, traduziu e publicou duas coletâneas de contos, *The psychiatrist and other stories* e *What went on the baroness* (ambos de 1963), os romances *Esaú e Jacó* (1965), *Memorial de Aires* (1972) e *Helena* (1984), e escreveu outro livro de crítica, *The Brazilian Master and his Novels* (1970), um estudo sobre o conjunto dos romances.

Surpreendente e intrigante em Helen Caldwell é o fato de ter traduzido as obras de Machado de Assis e escrito sobre elas em paralelo à sua carreira como professora de estudos clássicos na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), onde ingressou em 1942, tendo se aposentado em 1970. Nesses 28 anos, ensinou grego e latim na UCLA, sem jamais ter atuado num departamento de Espanhol e Português. Entre seus livros, apenas um faz alguma referência à literatura clássica: *Ancient Poets' Guide to UCLA Gardens*, de 1968, um guia para o extraordinário jardim de esculturas do campus da Universidade da Califórnia em Los Angeles.

O ecletismo e a fidelidade a algumas paixões parece ter sido uma marca dessa norte-americana nascida em Omaha, Nebraska, que se mudou com a família para a Califórnia em 1917. Na juventude, trabalhou para a indústria cinematográfica e estudou dança com o coreógrafo japonês Michio Ito, figura de sua adoração, sobre quem escreveu e publicou um

livro em 1977, e que integra uma obra pouco numerosa, quase que inteiramente dedicada a um artista nascido no outro lado do mundo, Machado de Assis.

Em reconhecimento às suas contribuições para o melhor conhecimento da obra de Machado de Assis no exterior, Helen Caldwell recebeu a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, concedida pelo governo brasileiro em 1959, e o prêmio Machado de Assis, com o qual foi agraciada pela Academia Brasileira de Letras em 1963.

A tradução e publicação de "Our American cousin, Machado de Assis" é uma homenagem da *Machado de Assis em linha* a essa pioneira dos estudos sobre o escritor no mundo anglófono.

* * *

Nós, cuja língua materna é o inglês, não temos menos razão de nos orgulharmos do grande romancista brasileiro, Machado de Assis, do que os próprios brasileiros. Esse mestre da prosa em língua portuguesa, espírito mais original de toda a literatura brasileira, que em sua grandeza pertence não só ao Brasil mas ao mundo, amava o inglês e admirava tanto a literatura em língua inglesa que se apropriou de autores como Sterne, Fielding e Shakespeare – especialmente Shakespeare, que também está na fala e no pensamento de cada um de nós.

Não sabemos quando Machado de Assis descobriu o inglês. Parece que não o aprendeu na escola. Ele provavelmente abandonou a escola para trabalhar quando tinha 12 ou 14 anos de idade. Mas com vinte anos ele já fazia comentários sobre Shakespeare. Alguns anos mais tarde ele começou uma tradução em verso do *Paraíso perdido*, de Milton. Em 1870, quando tinha 31 anos, começou a traduzir *Oliver Twist* para o *Jornal da Tarde*.

Admirava e citava escritores norte-americanos: Benjamin Franklin, Whittier, Longfellow, P. T. Barnum, Edgar Allan Poe. Chamava Poe de "grande escritor" e punha seus contos "entre os primeiros escritos da América".[1] Fez a famosa tradução para o português de *O corvo*, na metrificação original.

Ele traduziu o solilóquio "*To be or not to be*" de Hamlet e os versos descrevendo a morte de Ofélia. Mantinha o *Hamlet* na sua cabeceira, para ser lido toda noite. Para Machado de Assis, como para nós, Shakespeare *é* a língua inglesa. Falando de um tratado entre a Inglaterra e os Estados Unidos, escreveu: "A vitória de um ou de

[1] *Várias histórias* (apresentação). [In: ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977, p. 55.]

outro é sempre a vitória da língua inglesa, com mais arcaísmos de um lado ou mais americanismos de outro, Macaulay ou Bancroft – numa só palavra, Shakespeare."[2]

Ao ler os trabalhos de Machado de Assis, encontrei 160 referências a Shakespeare. Qualquer um desses tributos serviria para mostrar seu sentimento pelo nosso poeta, mas nenhum talvez melhor do que a crônica de 26 de abril de 1896:

> "Terminaram as festas de Shakespeare", diz um telegrama de Londres, 24, publicado anteontem, na *Notícia*. Eu, que supunha o mundo perdido no meio de tantas guerras atuais e iminentes, crises formidáveis, próximas anexações e desanexações, respirei como alguém que sentisse tirar-lhe um peso de cima do peito. Que me importa já saber se o príncipe da Bulgária comungou ou não, esta semana, tendo-lhe o papa negado licença? [...]
>
> Cuba, que me importa agora Cuba? A rebelião[3] come gente, sangue e dinheiro; a independência far-se-á ou não. [...]
>
> Guerras africanas, rebeliões asiáticas, queda do gabinete francês, agitação política, a proposta da supressão do Senado, a caixa do Egito, o socialismo, a anarquia, a crise europeia [...] que me importa tudo isso? Que me importa que, na ilha de Creta, cristãos e muçulmanos se matem uns aos outros, segundo dizem telegramas de 25? E o acordo, que anteontem estava feito entre chilenos e argentinos, e já ontem deixou de estar feito, que tenho eu com esse sangue que correu e com o que há de correr?
>
> Noutra ocasião far-me-ia triste a notícia dos vinte e tantos autos roubados a uma pretoria desta cidade. [...] outra seria a minha impressão disto, como do resto, se não fosse o telegrama de Londres, 24.
>
> "Terminaram as festas de Shakespeare..." O telegrama acrescenta que "o delegado norte-americano teve grande manifestação de simpatia". A doutrina de Monroe, que é boa, como lei americana, é coisa nenhuma contra esse abraço das almas inglesas sobre a memória do seu extraordinário e universal representante. Um dia, quando já não houver Império Britânico nem República norte-americana, haverá Shakespeare; quando se não falar inglês, falar-se-á Shakespeare. Que valerão então todas as atuais discórdias? O mesmo que as dos gregos, que deixaram Homero e os trágicos.
>
> Dizem comentadores de Shakespeare que uma de suas peças, a *Tempest*, é um símbolo da própria vida do poeta e a sua despedida. Querem achar naquelas últimas palavras de Próspero, quando volta para Milão, "onde de cada três pensamentos um será para a sua sepultura", uma alusão à retirada que ele fez do palco, logo depois.

[2] *A Semana* (III), 17 jan. 1897. [In: ASSIS, Machado de. *A Semana*, 3º volume (1895-1900), Rio de Janeiro: Jackson, 1950, p. 403.]

[3] No texto em inglês aparece a palavra "*revolution*" em vez de "*rebelion*". [N.T.]

> Realmente, morreu daí a pouco, para nunca mais morrer. Que valem todas as expedições de Dongola e do Transvaal contra os combates de Ricardo III? Que vale a caixa egípcia ao pé dos três mil ducados de Shylock? O próprio Egito, ainda que os ingleses cheguem a possuí-lo, que pode valer ao pé do Egito da adorável Cleópatra? Terminaram as festas da alma humana.[4]

Machado de Assis não apenas admirava Shakespeare. Ele o copiava, o adaptava, o absorvia num tal grau que, como nós, o tinha no seu sangue. Provavelmente por essa razão, Machado de Assis fala mais diretamente a nosso espírito do que qualquer outro autor brasileiro. Nós também "falamos Shakespeare".

Por toda sua devoção, a língua inglesa, como outras coisas que ele amava, não escapou ao sarcasmo de Machado.

> Desde criança, ouço dizer que aos condenados à morte cumprem-se os últimos desejos. Dá-se-lhes doce de coco, lebre, tripas, um cálice de Tokay, qualquer coisa que eles peçam. Nunca indaguei se isto era exato ou não, e já agora ficaria aborrecido se o não fosse. [...]
>
> Li até, que um condenado à morte, perguntando-se-lhe, na manhã do dia da execução, o que queria, respondeu que queria aprender inglês. Há de ser invenção; mas achei o desejo verossímil, não só pelo motivo aparente de dilatar a execução, mas ainda por outro mais sutil e profundo. A língua inglesa é tão universal, tem penetrado de tal modo em todas as partes deste mundo, que provavelmente é a língua do outro mundo. O réu não queria entrar estrangeiro no reino dos mortos."[5]

Machado não era um devoto incondicional do inglês. Pela nação, especialmente, que tinha prejudicado o Brasil, ele não tinha grandes amores. Mas os americanos eram outra questão. Ele tinha paciência até mesmo com os nossos políticos. Homenageou nossos nomes sagrados, como John Brown e George Washington. Celebrou o aniversário da nossa independência. Tolerou nossos missionários metodistas e os defendeu.

[4] [ASSIS, Machado de. *A Semana, 3º volume (1895-1900)*. Rio de Janeiro: Jackson, 1950, p. 164-169.]

[5] [ASSIS, Machado de. *Semana I* (25 jun. 1893). [In: *A Semana*, v. 1 (1892-1893), Rio de Janeiro: Jackson, 1950, p. 322-323.]

Era admiravelmente curioso daquele monstro, a mulher norte-americana. Elogiou diversas vezes Harriet Beecher Stowe por seu protesto contra a escravidão. E quando seu amigo mais velho, Salvador de Mendonça, lhe escreveu uma carta de 12 páginas sobre sua noiva, Mary Redman, de Boston – uma mulher que era, sem dúvida, uma mulher norte-americana por excelência, Machado respondeu:

> Reli a carta, não só porque eram letras tuas, mas também porque dificilmente podia vir melhor retrato de uma jovem americana. Tudo ali é característico e original. Nós amamos e casamos aqui no Brasil, como se ama e casa na Europa; nesse país parece que estas coisas são uma espécie de compromisso entre o romanesco e o patriarcal. Acrescem os dotes intelectuais de Miss Mary Redman [...] Casar assim, e com tal noiva, é simplesmente viver, na mais ampla acepção da palavra. [...] Não há que justificar a pressa. Os melhores amores nascem de um minuto. Deveras, seguiste a boa regra: foste *yankee* entre *yankees*."[6]

Machado mostrava um interesse simpático por nós, mesmo quando era sarcástico. Sua crônica de 2 de junho de 1878, sobre a inauguração da linha de navegação a vapor ligando o Rio de Janeiro a Nova York, mantém um certo ar zombeteiro, mas termina numa nota doce e amiga.

> O vapor é grande demais para estas colunas mínimas; há muita coisa que dizer dele, mas não é este o lugar idôneo. Tinha que ver se eu entrasse a dar à preguiça dos leitores um caldo suculento de reflexões, observações e conclusões, acerca da boa amizade entre este país e os Estados Unidos! Que o digam vozes próprias e cabais. Mais depressa lhes falaria do fonógrafo [...]

Então ele *de fato* fala sobre o fonógrafo, mas retorna à linha de navegação a vapor, com as seguintes palavras:

> Que os Estados Unidos começam de galantear-nos, é coisa fora de dúvida; correspondamos ao galanteio; flor por flor, olhadela por

[6] Rio, 15 abr. 1876. [In: *Correspondência de Machado de Assis: tomo II, 1870-1889.* Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. 120-121.]

> olhadela, apertão por apertão. Conjuguemos os nossos interesses, e um pouco também os nossos sentimentos; para estes há um elo, a liberdade; para aqueles, há outro, que é o trabalho; e o que são o trabalho e a liberdade senão as duas grandes necessidades do homem? Com um e outro se conquistam a ciência, a prosperidade e a ventura pública. Esta nova linha de navegação afigura-se-me que não é uma simples linha de barcos. Já conhecemos melhor os Estados Unidos, já eles começam a conhecer-nos melhor. Conheçamo-nos de todo, e o proveito será comum."[7]

Ele nos conhecia – "são a terra das coisas altas, rápidas e infinitas, vastas construções e desastres vastos, cidades feitas em três meses e desfeitas em três horas, para se refazerem em três dias, vendavais que arrancam florestas, como o vento do outono as simples folhas de arbustos, e uma guerra civil, que se não pareceu com outra qualquer moderna ou antiga."[8]

É fácil acreditar que nem a bomba atômica nem o voo supersônico, nem qualquer outro horror ou extravagância nossa teria surpreendido Machado de Assis. Ele resumiu nosso caráter nestas simples palavras: "Há ideias que só podem surgir da cabeça de um norte-americano."[9]

Mas se Machado gostava de nós, com a loucura e tudo o mais, se ele amava a língua inglesa, naturalmente ele gostava mais do português, do Brasil e do Rio de Janeiro, que ele chama de a "boa cidade que me viu nascer, e me verá morrer, se Deus me der vida e saúde. [...] Eu, que amo a minha Carioca... amo também aqueles que a amam também e que falam bem dela...[10] Eu sou um peco fruto da capital, onde nasci, vivo e creio que hei de morrer."[11]

É verdade que ele nunca se afastou mais de cem quilômetros dos limites da cidade do Rio de Janeiro, embora conhecesse o Brasil – todo ele. Seus escritos apresentam o Brasil para nós – brasileiros de todos os tempos, de todas as regiões, de

[7] [In: ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Org. John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 93.]

[8] [ASSIS, Machado de. *A Semana 3º volume (1895-1900)*. Rio de Janeiro: Jackson, 1950, p. 332.]

[9] No original não há a referência e não pude identificar onde está essa frase. [N.T.]

[10] No original não há a referência e não pude identificar de onde foi traduzida essa frase. [N.T.]

[11] [Carta a José Veríssimo, Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1897. In: *Correspondência de Machado de Assis: tomo III, 1890-1900*. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011, p. 271.]

todas as classes, ecos de toda a vida do Brasil desde o seu início. Desse tesouro brasileiro que se encontra nos livros de Machado de Assis, vamos extrair uma pequena joia para nossa consideração – o professor. Quem, melhor do que nós, pode julgar esse miserável pecador?

Não é possível, numa única ocasião, examinar todos os professores da obra de Machado de Assis, mas podemos examinar alguns. O principal é Rubião, protagonista do romance *Quincas Borba*, que fechou sua escola para cuidar do amigo doente, o filósofo louco Borba. Rubião era um homem bom, muito bom, muito ingênuo; tinha tanta fé no coração humano que essa mesma bondade e ingenuidade, essa simplicidade confiante resultou numa falha trágica que destruiu seu mestre e o corrompeu completamente.

Machado de Assis tem outro professor que é bom e ingênuo, mas menos trágico: um velho lunático, chamado Dr. Fulgêncio, que tem o nariz sempre enfiado num livro. Esse velho professor decidiu oferecer a dois adolescentes, Caetaninha e Raimundo, um "curso sobre o amor", uma educação longa e gradual que deveria, finalmente, terminar em casamento. Os alunos eram perspicazes: as aulas mal começaram e eles já estavam aos beijos. Não é difícil adivinhar como o curso terminou.[12]

Esse dois são bondosos e simpáticos. Agora olhemos para o outro lado da moeda. Em "Conto alexandrino" há dois professores do tipo ambiciosos, pesquisadores, homens de ciência: seus nomes, Pítias e Stroibus. Era no tempo de Ptolomeu. A ilha de Chipre era a pátria de ambos; mas, como ninguém é profeta em sua própria terra, Chipre não lhes dava o merecido respeito. Um dia Pítias sugeriu que fossem a Alexandria, cidade onde as artes e as ciências eram grandemente honradas. (Machado de Assis não diz explicitamente isso, mas o leitor fica com a impressão de que a Alexandria de Ptolomeu é outro nome para o Rio de Janeiro de Dom Pedro II.) Em Alexandria, a cidade e a corte oferecem aos dois cientistas uma recepção régia. Mas antes de tornar pública qualquer descoberta científica, Stroibus queria realizar algumas experiências. Ele desenvolvera uma teoria de que se um homem bebesse o sangue de um animal

[12] "*Ex Cathedra*", *Histórias sem data*. [In: ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Martins Fontes, p. 213-225.]

enquanto esse estivesse expirando debaixo do escalpelo, o homem absorveria as características daquele animal: por exemplo, o sangue de um rato faria de um homem um ladrão, o sangue de uma aranha lhe daria o talento para a geometria, o sangue de uma andorinha faria de um homem caseiro um viajante etc. Antes de divulgar a teoria para os sábios de Alexandria, porém, e fazer conferências ao público, o professor Stroibus queria submeter a teoria a mais experimentações. Seu amigo Pítias fez a seguinte proposta:

> Metafisicamente, a tua doutrina é um despropósito; mas estou pronto a admitir uma experiência, contanto que seja decisiva. Para isto, meu caro Stroibus, há só um meio. Tu e eu, tanto pelo cultivo da razão como pela rigidez do caráter, somos o que há mais oposto ao vício do furto. Pois bem, se conseguires incutir-nos esse vício, não será preciso mais; se não conseguires nada (e podes crê-lo, porque é um absurdo) recuarás de semelhante doutrina, e tornarás às nossas velhas meditações.[13]

Strobius aceitou a proposta. Machado de Assis então descreve em detalhe a experiência na qual os dois cientistas bebiam sangue de rato. O resultado – sucesso! Stroibus provou sua teoria. Na realidade, Pítias foi o primeiro a dar sinais da realidade do efeito ao reivindicar o crédito por três ideias que ele tinha ouvido do próprio Stroibus. Este último, por sua vez, roubou de Pítias quatro fórmulas e uma teoria dos ventos. "Duro é dizê-lo", escreve Machado, "mas a verdade é que eles deitaram ao Nilo a bagagem metafísica, e dentro de pouco estavam larápios e acabados. Concertavam-se de véspera, e iam aos mantos, aos bronzes, às ânforas de vinho [....], às boas dracmas." Finalmente começaram a furtar livros raros da Biblioteca de Alexandria.

Nesse ponto a história torna-se mais interessante, embora menos interessante do ponto de vista acadêmico, de modo que não há por que terminá-la. De qualquer modo, estamos todos familiarizados com professores que fizeram esse tipo de experiência.

Um terceiro tipo de professor que Machado nos apresenta é Barata, um mestre-escola que ajudou a formar o caráter complicado mas irresistível de Brás Cubas, aquela

[13] "Conto alexandrino". [In: ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Martins Fontes, p. 107.]

"flor" do Primeiro Reinado. Com seus métodos antigos e sua devoção à palmatória, tudo o que Barata pedia aos seus alunos era "lição de cor e compostura na aula".

> Nada mais, nada menos [comenta Brás] do que quer a vida, que é das últimas letras; com a diferença que tu, se me metias medo, nunca me meteste zanga. Vejo-te ainda agora a entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho – ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita.[14]

Em comparação com Barata, podemos apresentar sua antítese, o Elisiário do conto "Um erradio".[15] Elisiário era um professor de latim e matemática, mas fascinado em aprender de tudo. Ele costumava levar um aluno a cada esquina da cidade do Rio de Janeiro, para os templos, para o mar, dentro dos tempos passados para respirar os ares da colônia e contemplar as figuras dos mortos. Chegou até a descobrir a Grécia e a Vênus de Milo na beleza de uma quitandeira negra da Bahia. "A imaginação evocativa era a grande prenda desse homem."[16]

Poderíamos examinar mais professores, mas, em vez disso, vamos dar uma olhada no estilo literário acadêmico, que Machado chamava de estilo *ab ovo*. A fina flor desse produto magnífico está em "Identidade", a história de um faraó egípcio que deixou seu trono para outro, e, com algum dinheiro e uma caixa de pedras preciosas, saiu pelo mundo em busca de vida e liberdade. Quase que imediatamente encontrou Charmion, uma mulher cujos olhos estavam cheios dos mistérios do Nilo. Naturalmente ela se apaixonou loucamente por ele e por sua caixa de pedras preciosas. Ela deixou o marido e fugiu com o faraó pra uma cidade distante, onde viveram numa casa coberta de

[14] *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. XIII. [ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977, p. 125-126.]

[15] No texto traduzido para o inglês o título aparece como "O erradio". Nos casos de erro evidente, nos títulos e nas citações, fiz as devidas correções. [N.T.]

[16] [ASSIS, Machado de. Um erradio. In: _____. *Páginas recolhidas*. Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 28.]

rosas, "um ninho de amor". Mesmo nessa reclusão, tinham muitos amigos: entre eles, dois que eram particularmente queridos, um velho letrado e um rapaz da Babilônia:

> Desde longos anos que este [o velho letrado] compunha um livro sobre as origens do Nilo; e, conquanto ninguém o tivesse lido, a opinião geral é que era admirável. Fa-Nohr [o faraó] quis ter a glória de ouvir-lhe algum trecho; o letrado levou-o à casa dele, um dia, aos primeiros raios do sol. Abria o livro por uma longa dissertação sobre a origem da terra e do céu; depois vinha outra sobre a origem das estações e dos ventos; outra sobre a origem dos ritos, dos oráculos e do sacerdócio. No fim de três horas, pararam, comeram alguma coisa e entraram na segunda parte, que tratava da origem da vida e da morte, matéria de tanta ponderação, que não acabou mais, porque a noite os tomou em meio. Fa-Nohr levantou-se desesperado.
>
> – Amanhã continuaremos – disse o letrado –, acabada esta parte, trato logo da origem dos homens, da origem dos reinos, da origem do Egito, da origem dos faraós, da minha própria origem, da origem das origens, e entramos na matéria particular do livro, que são as origens do Nilo, antecedendo-as, porém, das origens de todos os rios do universo. Mas que lhe parece o que li?[17]

Vocês adivinharam! Durante aquela primeira leitura, Charmion fugiu com o jovem da Babilônia e levou com ela a caixa de pedras preciosas. O pobre ex-faraó, para ganhar a vida, teve de arranjar um emprego de embalsamador, fazendo múmias.

Pode-se pensar que o estilo *ab ovo* seja uma invenção egípcia; mas não é. Machado de Assis emprega o mesmo estilo em *Um cão de lata ao rabo*, história de um mestre-escola brasileiro; e ele o descreve amorosamente na crítica de um de seus contemporâneos, o Dr. Capelli, que fez um discurso na Câmara Municipal do Rio de Janeiro sobre o assunto "remédios para a prostituição pública".

Como se pode facilmente imaginar, a retórica incomodava Machado de Assis. E ele ria das teorias filológicas, especialmente das etimologias, tão caras aos corações dos professores de letras. Às vezes ele mesmo compunha suas próprias etimologias, como a seguinte, que apareceu numa crônica de 1877:

[17] [ASSIS, Machado de. Identidade. In: _____. *Obra completa*, em quatro volumes: v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 264.]

> Os futuros linguistas deste país, percorrendo os dicionários igualmente futuros, lerão o termo *bisnaga*, com a definição própria: uma impertinência de água de cheiro (ou de outra), que esguichavam sobre o pescoço dos transeuntes em dias de Carnaval.
>
> – Bom! dirão os linguistas. Temos notícia do que era a bisnaga. Mas por que esse nome? Donde vem ele? Quem o trouxe?
>
> Neste ponto dividir-se-ão os linguistas.
>
> Uns dirão que a palavra é persa, outros sânscrita, outros groenlandesa. Não faltará quem a vá buscar na Turquia; alguns a acharão em Apuleio ou Salomão.
>
> Um dirá: Não, meus colegas; nada disso; a palavra é nossa e só nossa. É nada menos que uma corrupção de *charamela*, mudado o *cha* em *bis* e o *ramela* em *naga*.[18]

Mas a etimologia para terminar com todas as etimologias é aquela para a palavra *medicina*:

> A etimologia de medicina é, como aconteceu com outras palavras, uma lenda.
>
> Conta-se que no tempo do rei Numa, o corpo médico era composto unicamente de coveiros, regidos por um coveiro-mor, chamado Cina, avô, dizem, da tragédia de Corneille.
>
> Adoecia um romano (eterno romano!), iam os coveiros à casa do doente medir-lhe o corpo para abrir a sepultura.
>
> – Mediste, Caio? perguntava o chefe.
>
> – Medi, Cina, respondia o coveiro oficial.
>
> Daí, etc.[19]

Vamos completar a filologia de Machado, e dos seus professores, com o famoso professor e autor de gramáticas brasileiro, Hilário Ribeiro, cujo retrato Machado de Assis nos deixou em duas lembranças dele em discursos ouvidos no Senado nacional:

[18] [ASSIS, Machado de. *Crônicas. 3º volume (1871-1878)*. Rio de Janeiro, Jackson, 1950, p. 183-184.]

[19] Crônicas III (3 nov. 1872). [In: ASSIS, Machado de. *Crônicas. 3º volume (1871-1878)*. Rio de Janeiro, Jackson, 1950, p. 44-45.]

> Este, filósofo e filólogo, tinha junto a si, no tapete, encostado no pé da cadeira, um exemplar do dicionário de Morais. Era comum vê-lo consultar um e outro tomo, no correr de um debate [...][20]
> [...] para verificar se tais palavras de um orador eram ou não legítimas; era um varão instruído e lhano.[21]

Embora possa parecer que as obras de Machado de Assis estão repletas de professores e alguma outra coisa mais, não é esse o caso. As obras de Machado de Assis contêm toda a espécie humana: políticos, médicos, advogados, escravos, padres, ladrões, ricos e pobres, felizes e desgraçados – todos humanos, todos brasileiros.

Machado de Assis nasceu, viveu e morreu no Rio de Janeiro. Em torno dele, a cidade cresceu de uma população de menos de duzentos mil para quase um milhão. Na capital ele viu o Brasil se transformar de um império numa república, atravessando dificuldades políticas e econômicas, com guerras contra o Paraguai, Uruguai e Argentina. Conheceu os antigos aristocratas escravocratas, escravos à venda no mercado do Valongo. Viu os mercados de escravos desaparecerem, os escravos serem libertados, o entusiasmo no Senado, a resistência dos proprietários de terras. Sua imaginação perscrutou o passado, o velho Brasil português do qual vieram essas mudanças. Suas crônicas jornalísticas comentam esses eventos. E as grandes forças transformadoras do Brasil sutilmente tomam seus personagens, afetando suas emoções, suas mentalidades e suas vontades.

O cenário da ação de todos romances de Machado é a cidade do Rio de Janeiro. Com a exceção de onze "Fantasias", todos os seus contos se passam na cidade e arredores. A grande e variada multidão formada por seus personagens é composta de brasileiros, com não mais que meia dúzia de estrangeiros no conjunto.

Para nós, norte-americanos, sua obra é um verdadeiro abre-te-sésamo para a imensa e variada riqueza do Brasil. Tudo o que é necessário (como o próprio Machado dizia) é ler com atenção.[22]

---

[20] "O velho Senado". *Páginas recolhidas*. [ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: Jackson, p. 166.]

[21] *Semana II* (11 ago. 1895). [ASSIS, Machado de. *A Semana 2º volume (1894-1895)*. Rio de Janeiro: Jackson, p. 447.]

[22] *Esaú e Jacó*, cap. V. [ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. Edição preparada e anotada por Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2012.]